

A HISTÓRIA DE VIDA NA PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO

THE LIFE HISTORY IN THE FIELD OF ADMINISTRATION

Recebido em 16.09.2021 Aprovado em 23.11.2021

Avaliado pelo sistema double blind review

DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v15i4.51662>

Rodilon Teixeira

rodilon.teixeira@phd.iag.puc-rio.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – Rio de Janeiro/RJ, Brasil
0000-0001-5920-6933

Ana Heloísa da Costa Lemos

aheloisa@iag.puc-rio.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – Rio de Janeiro/RJ, Brasil
0000-0001-6222-6628

Fernanda Tarabal Lopes

fernanda.tarabal@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre/RS, Brasil
0000-0003-2920-1255

Resumo

O artigo mapeou a evolução do debate e dos usos do método história de vida no campo da Administração, no Brasil, e apresentou sugestões de caminhos a serem percorridos por pesquisadores interessados no método. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica de trabalhos apresentados nos ENANPADs e em periódicos nacionais, entre 2001 e 2020. Os achados apresentam o panorama das pesquisas nacionais com o uso do método história de vida. Além disso, apresenta-se sugestões de percursos práticos no que diz respeito, especialmente, à questão da entrevista de história de vida e às possibilidades analíticas e de organização do material biográfico.

Palavras-chave: História de vida. História oral. Metodologia. Campo da administração. Revisão bibliográfica.

Abstract

This study consists of a literature review of articles presented in the meetings of the Brazilian Academy of Management (EnANPADs) and Brazilian journals in the field of administration, considering the years from 2001 to 2020. The findings present in this research sought to map the development of the debate on the life history method in the country and how it has been used in the field of administration, suggesting research paths. Besides, suggestions to some practical ways are presented, especially to the life history interviews, the analytical possibilities, and the organization of biographical material.

Keywords: Life history. Oral history. Methodology. Field of administration. Literature review.

Introdução

O uso do método história de vida remonta à década de 1920, quando foi utilizado em estudos clássicos de pesquisadores da Escola de Chicago (Godoy, 2018). Definido por Queiroz (1991, p. 6) como sendo “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”, esse método percorreu uma longa jornada até os dias atuais, marcada por diversos contextos sociais que foram pesquisados e refletindo distintos interesses acadêmicos, revelando, assim, suas múltiplas possibilidades e aplicações.

Apesar de o método história de vida ter uma longa trajetória em pesquisas acadêmicas, foi apenas no ano de 2001 que encontramos o primeiro estudo com o uso do referido método, no campo da Administração, no Brasil. Assim, transcorrido vinte anos desde essa publicação, podemos considerar que existe, atualmente, um volume considerável de trabalhos e que eles permitem evidenciar as contribuições e as possibilidades do uso desse método na Administração. Contudo, acreditamos que pesquisadores desse campo acadêmico ainda encontram dificuldades e estranhamentos no processo de adaptação de abordagens biográficas, visto que existem peculiaridades distintivas desse método, em comparação a outros métodos qualitativos geralmente utilizados, bem como em decorrência da forte influência da tradição positivista do campo da Administração (Paiva Júnior *et al.*, 2011).

Os estranhamentos advindos dos primeiros contatos com os métodos biográficos podem ser comuns aos pesquisadores que se iniciam no método, como foi o caso da experiência vivenciada pelo primeiro autor deste estudo, com formação em Administração e com uma trajetória de pesquisa acadêmica iniciada a partir da perspectiva positivista. Em sua busca por desvendar esta abordagem, o referido pesquisador precisou navegar por uma profusão de conceitos, procedimentos, arranjos, técnicas e práticas, o que o levou a se deparar com abordagens variadas que podem, por vezes, não estar em harmonia epistemológica, dificultando os passos iniciais e a compreensão da abordagem de maneira a encontrar coerência na episteme dos procedimentos adotados no estudo.

Assim, a mobilização frente a tais dificuldades e a busca em compreendê-las e superá-las converteram-se nos fundamentos para a realização do presente artigo que se propôs a atingir os seguintes objetivos: a) mapear a evolução do debate e dos usos do método no campo da Administração, no Brasil, nos últimos vinte anos; b) apontar, a partir da leitura dessa produção, aspectos relevantes do uso do método e apresentar sugestões de caminhos que podem ser trilhados por pesquisadores que queiram iniciar sua jornada por esse percurso metodológico no campo da Administração.

Na tentativa de conhecer melhor o método encontramos diversos estudos (Closs & Antonello, 2012; Godoy, 2018; Pinto *et al.*, 2015) que exploraram as possibilidades, as contribuições e os limites de seu emprego, bem como revisões bibliográficas que buscaram examinar as formas de uso na área da Administração (Colomby *et al.*, 2016; Sacramento *et al.*, 2017); todavia, constatamos uma diversidade no emprego do método, o que pode tornar o seu emprego desafiador para pesquisadores iniciantes na metodologia ou ainda pouco familiarizados com ela.

Dessa forma, com vistas a mapear o atual panorama das publicações que se utilizaram do método no campo da Administração, entre 2001 e 2020, no Brasil, e a apresentar sugestões para sua operacionalização, organizamos o presente artigo em seis partes, iniciando-se por esta introdução. Na segunda parte apresentamos breves considerações acerca do percurso histórico da abordagem e, na terceira, são apresentados os procedimentos metodológicos do presente artigo, seguidos pela apresentação do levantamento bibliográfico. Na quinta parte são discutidas as peculiaridades das entrevistas em história de vida e apresentadas sugestões de caminhos que podem ser trilhados por pesquisadores interessados no método. Por fim, são apresentadas as considerações finais do artigo com a análise geral sobre as implicações do método no campo da Administração, no Brasil.

Apontamentos do percurso do método História de Vida

As primeiras utilizações do método história de vida são encontradas em trabalhos desenvolvidos na Antropologia Cultural, na década de 1920, em investigações realizadas em tribos indígenas dos Estados Unidos, quando se pesquisou a história de grandes chefes indígenas (Peticca-Harris & McKenna, 2013). Nos anos de 1920 e 1930, diversos estudos utilizando o método foram realizados por pesquisadores vinculados à Escola de Chicago, popularizando essa abordagem a ponto de se tornar uma das mais utilizadas no departamento de Sociologia dessa universidade (Godoy, 2018).

Após intenso uso em pesquisas, no período mencionado, a história de vida foi eclipsada por estudos acadêmicos quantitativos, com entrevistas feitas apenas com base em questionários (Carvalho & Costa, 2016), consequência da valorização desse tipo de metodologia nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial. A retomada das pesquisas qualitativas com o emprego do recolhimento oral das histórias de vida ocorre nos trabalhos realizados por Franco Ferraroti, na Itália, e por Daniel Bertaux, na França, no final dos anos 1970 (Barros & Lopes, 2014).

A revalorização da história de vida nos estudos acadêmicos ocorre com novas e diversificadas orientações que incluem, por exemplo, o marxismo sartriano (Ferraroti, 2007), o estruturalismo (Bertaux-Wiame, 1980; Bertaux, 1981), a hermenêutica (Kohli, 1981) dentre outras, não estando mais vinculada, apenas, ao interacionismo simbólico (Denzin, 2001) da Escola de Chicago (Bertaux, 1999). Uma das obras de referência dessa nova vinculação é o estudo desenvolvido em 1976 por Daniel Bertaux, sociólogo francês, denominado *Histoire de vie: ou récits de pratiques?* (Carvalho & Costa, 2016), que buscava empreender uma sociologia qualitativa mais receptiva aos aspectos da mobilidade social (Ferreira *et al.*, 1998). Nesse ressurgimento, o método alcança uma nova legitimidade, atraindo o interesse dos pesquisadores em explorar as interconexões existentes entre o microcontexto e as dinâmicas macrosociais, buscando evitar os riscos das simplificações do funcionalismo, do estruturalismo ou do marxismo ortodoxo (Costa, 1999).

Dentre os teóricos engajados no uso do método, destaca-se o sociólogo francês Vicent Gaulejac, um dos representantes da Sociologia Clínica, uma aproximação entre a Sociologia e a Psicologia (Carvalho & Costa, 2016). Vários teóricos que antecederam Gaulejac favoreceram essa proximidade, como é o caso de Durkheim (2007), ao indicar em sua obra que os fatos sociais também são fatos psíquicos; Mauss (2003), ao ressaltar a importância do campo clínico na Sociologia para a compreensão do fenômeno social; e Morin (2007), ao tratar da noção de complexidade. Tais autores buscaram reconhecer as conexões entre sujeito e sociedade (Carvalho & Costa, 2016).

Desde o início da utilização da história de vida existiram duas correntes que a dividiram, conforme defende Joutard (1996): uma estaria voltada para as histórias das pessoas pertencentes às elites sociais e vinculada à ciência política e, a outra, preocupada com a “populações sem história” (Joutard, 1996, p. 43), mais próxima da antropologia.

As tradições hermenêutica e fenomenológica que surgem nos estudos biográficos, após os anos 1980 (Bertaux, 1999), possibilitaram aos pesquisadores uma reflexão sobre o agir e o pensar humano, representados em figuras orientadas e articuladas no tempo, as quais são organizadas e construídas com base nos relatos individuais (Delory-Momberger, 2012). Contudo, este legado apresenta problemas epistemológicos e metodológicos. Primeiramente, por estar circunscrito a discussões entre o “ato de viver”, o “ato de contar” e o texto resultante da narrativa, dado que podem existir diferenças nesses três momentos, influenciadas pelas representações das lembranças que o sujeito apresenta sobre os fatos vivenciados, enquanto o pesquisador realiza interpretações do que ouviu, lastreadas em seus conhecimentos e contextos, que, em geral, diferem do entrevistado. Essa problemática foi abordada por Ricouer (1983, 1984, 1985) em *Temps et récit*, em que analisa o relato como o produto de uma operação de configurações que designou como “enredamento” (originalmente, em francês, o termo *mise en intrigue*).

Atualmente existe uma nova geração de pesquisadores, que surge nos anos 2000, considerado por Pineau (2006) como um período de desenvolvimento diferenciador, composta por três círculos de inovações de bases cooperativas: iniciadores, contribuidores e inovadores/reformadores. É nesse contexto que surge o primeiro diploma universitário referente ao método, em Nantes, na França, com o curso *Histoires de Vie en Formation* (DUHIVIF).

No decorrer desse percurso, o pedido aos sujeitos entrevistados de “conte-me sua história”, foi repetido por muitos pesquisadores, originados de diversas áreas do conhecimento. Contudo, os objetivos e interesses em ouvir as histórias eram muito distintos, além de utilizarem uma diversidade de abordagens (autobiografias, biografias, narrativas pessoais, trajetórias), resultando em uma heterogeneidade do que se compreende como história de vida (Barros & Lopes, 2014, p. 41). Apesar dessa diversidade de usos e empregos do método, existem, entretanto, aproximações relacionadas às formas de se contar uma história ou mesmo ao cuidado na compreensão do sujeito e de seu mundo.

No Brasil, as discussões iniciais sobre o uso da história de vida surgem nos anos 1980, no Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), fundado em 1964 por um grupo de professores do Departamento de Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, vinculado à Universidade de São Paulo (USP). Assim, a introdução do método no Brasil origina-se, formalmente, de um convênio entre o CERU e a Universidade de Roma, onde este já era utilizado (Avila *et al.*, 2018). Nos anos 1990 observou-se a existência de novos movimentos demonstrando interesse nessa abordagem, materializados na criação da Associação Norte e Nordeste de Histórias de Vida em Formação (ANNHIVIE), em Natal, RN, associação que mantém forte ligação com a *Association Internationale des Histoires de Vie en Formation* — ASIHVIE da França (Barros & Lopes, 2014).

Entretanto, apesar de seu uso crescente, essa forma de acesso à narrativa sofreu rejeições, pois questionava o monopólio institucional do conhecimento sociológico, ao considerar que o informante poderia ser mais esclarecido do que o pesquisador, além de representar uma ameaça à presunção da Sociologia como ciência (Bertaux, 1999). Essas indagações ficam evidentes ao se considerar a hegemonia, na sociologia dos Estados Unidos, dos métodos de pesquisa quantitativos (survey) e do funcionalismo parsoniano, após a Segunda Guerra Mundial. Essas abordagens monopolizaram indevidamente a ciência, resultando na permanência marginal e precária ou na extinção das outras formas de observação e teorização (Bertaux, 1999).

A interdisciplinaridade é uma característica própria do método história de vida (Atkinson, 2001), inicialmente adotado na Antropologia e, posteriormente, na Sociologia, Psicologia, Ciências Políticas, Medicina, História, Educação e Administração, entre outros (Avila *et al.*, 2018; Colomby *et al.*, 2016; Godoy, 2018). Assim, o levantamento apresentado neste trabalho identificou aspectos característicos encontrados, especificamente, nos estudos na área de Administração.

Procedimentos metodológicos

Nesta seção apresentamos o delineamento do levantamento bibliográfico de pesquisas nacionais que empregaram o método história de vida, no campo da Administração, buscando, com isso, dispor de informações que contribuam para as reflexões sobre o panorama atual do uso do método, nesse campo.

O estudo empírico foi realizado em março de 2021, com pesquisa realizada na base de dados *Scientific Periodicals Electronic Library* — SPELL (<http://www.spell.org.br>) que reúne trabalhos publicados nos principais periódicos nacionais na área de Administração. Além disso, também foi realizado o levantamento dos estudos apresentados nos congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), no site da instituição (<http://www.anpad.org.br>), principal organizadora de eventos na área de Administração no Brasil.

A busca dos trabalhos na base de dados SPELL observou os seguintes critérios: a) período de publicação: entre 2001 e 2020, recorte temporal definido após verificar que a primeira publicação ocorreu em 2001; b) área de conhecimento: administração; c) categoria de documento: artigo; d) termos de busca no resumo: “história de vida” ou “história oral”, sendo que o resultado obtido foi de 150 artigos. Na base da ANPAD buscamos os termos “História de Vida” ou “História Oral”, nos campos título, resumo e palavras-chave, tendo como resultado o total de 35 artigos. Com base nos trabalhos obtidos considerou-se existir material satisfatório para avaliar a tendência das pesquisas sobre esse método.

A partir desse levantamento inicial, com vistas a melhor delinear o escopo de análise, alguns critérios de exclusão foram definidos: estudos que não utilizaram ou não definiram a história de vida ou oral como metodologia ou, ainda, que não utilizaram o método como técnica para a obtenção de relatos foram excluídos. Estudos repetidos também foram excluídos. Assim, após a leitura do título, do resumo e da seção de metodologia, foram excluídos 64 (sessenta e quatro) artigos que não se alinharam aos critérios estabelecidos, restando, assim, 88 (oitenta e oito) publicações em periódicos e 33 (trinta e três) em Congressos da ANPAD, ou seja, 121 (cento e vinte e um) estudos que compuseram o corpus de análise.

Nas definições para escolha dos artigos não foi incluído, propositalmente, o critério de classificação Qualis/CAPES da revista, pois buscou-se analisar todas as publicações, bem como identificar todos os periódicos em que esses artigos foram publicados. A inclusão do termo “história oral”, junto à “história de vida”, foi motivada pela diversidade de nomenclaturas relacionadas ao método, mas especialmente porque essas duas designações são as mais comuns e, por vezes, utilizadas como sinônimas, apesar da distinção existente entre elas, a utilização de ambos os termos para o mesmo método também é encontrada no estudo desenvolvido por Sacramento *et. al.* (2017).

Levantamento de estudos que utilizaram o método história de vida no campo da Administração entre 2001 e 2020

Inicialmente o levantamento abrangeu a busca de trabalhos listados na base de dados SPELL e, também, aqueles apresentados nos Encontros da ANPAD, sendo encontrada a primeira publicação, em periódico, no ano de 2001. Nos Encontros, o primeiro artigo data de 2007. Conforme anteriormente mencionado, o *corpus* de análise foi composto por 88 (oitenta e oito) artigos publicados em periódicos e 33 (trinta e três) publicados em Anais de Encontros da ANPAD.

O exame dos trabalhos dos Anais de Encontros da ANPAD revelou que tais produções foram apresentadas em cinco eventos dessa associação, a maior parte publicada nos anais do EnANPAD e EnEPQ, configurando, assim, os dois principais Encontros que, reunidos, representam 69,7% dos artigos, conforme consta no Quadro 1.

Quadro 1 - Artigos abordando o método História de Vida nos encontros da ANPAD

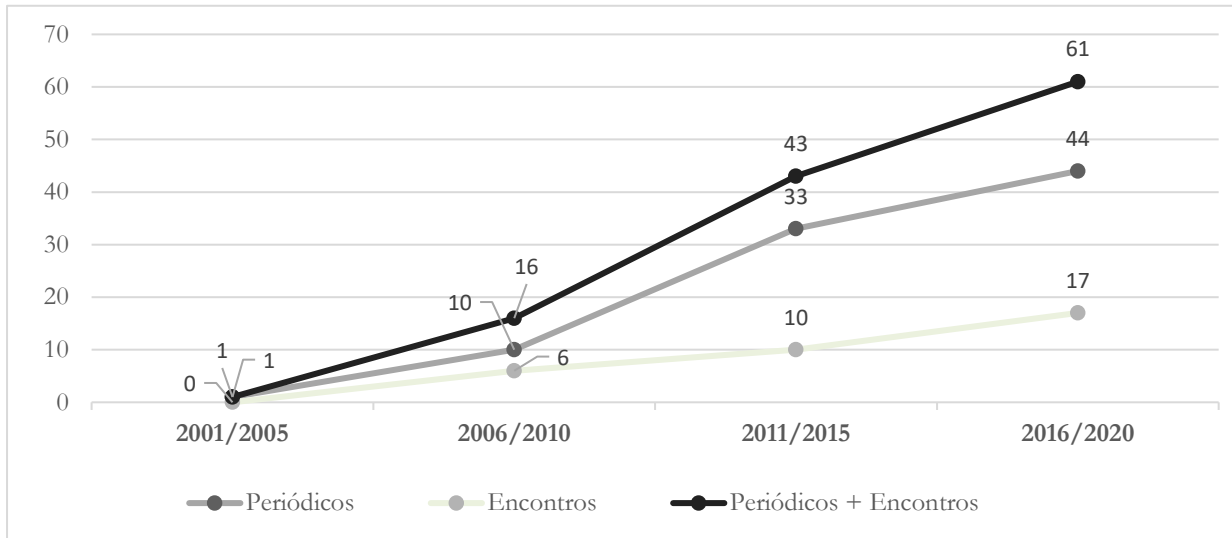
N.º	Encontro	Total	% da soma do total dos encontros
1	EnANPAD	16	48,5
2	EnEPQ	7	21,2
3	EnEO	5	15,2
4	EnGPR	4	12,1
5	EnAPG	1	3,0
Soma		33	100

Fonte: Elaborado pelos autores

Ao verificarmos as publicações em periódicos, no período entre 2001 e 2020 constatamos que, depois de 2006, foram encontrados artigos em todos os anos, com o maior número de publicações nos anos de 2017 e 2020, com 11 (onze) artigos em cada. Nos Encontros, não havia publicações entre 2001 e 2006, nem nos anos de 2009 e 2014. O ano com maior quantidade de publicações foi 2018, com 7 (sete)

trabalhos. Ao analisarmos os quantitativos de trabalhos publicados nos dois locais (periódicos e Encontros) verificou-se uma tendência de crescimento. Para facilitar essa visualização optamos por reunir as publicações em quatro períodos de cinco anos (2001 – 2005; 2006 – 2010; 2011 – 2015; 2016 – 2020), conforme consta no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Publicações com uso do método História de Vida: periódicos e encontros da ANPAD



Fonte: Elaborado pelos autores

Após essas análises iniciais decidimos examinar, em maior profundidade, somente os detalhes dos estudos publicados em periódicos. Essa opção se deveu à constatação de que diversos artigos dos Encontros da ANPAD foram, posteriormente, publicados em periódicos, o que poderia distorcer os resultados ao se repetir informações de estudos publicados em ambos os locais. Assim, a partir desse ponto as informações apresentadas são restritas aos trabalhos publicados em periódicos encontrados na base SPELL.

Os trabalhos selecionados na base de dados SPELL foram publicados em 45 (quarenta e cinco) periódicos diferentes, mas optamos por apresentar, no presente trabalho, apenas os 10 (dez) primeiros que reuniram o maior número de publicações e tinham mais de 3 (três) artigos. Reunidas, essas revistas concentram mais da metade dos artigos, ou seja, 52,3% do total de publicações em periódicos (88 artigos), conforme consta no Quadro 2.

Quadro 2 - Periódicos com mais de 3 publicações que utilizaram o método História de Vida (2001 – 2020)

N.º	Periódicos	Quant. Publicações	% do total de publicações Soma
1	Cadernos EBAPE.BR	9	10,2
2	Organizações & Sociedade	7	8,0
3	Revista Interdisciplinar de Gestão Social	7	8,0
4	Desenvolvimento em Questão	4	4,5
5	Revista de Administração Mackenzie - RAM	4	4,5
6	Rev. Adm. UFSM	3	3,4
7	Revista ADM.MADE	3	3,4
8	Revista de Ciências da Administração	3	3,4
9	Revista Gestão & Conexões	3	3,4
10	Revista Pensamento Contemporâneo em Administração	3	3,4
Soma		46	52,3

Fonte: Elaborado pelos autores

As revistas que receberam as publicações estavam classificadas em cinco níveis do Qualis/CAPES, com o maior percentual de publicações (34,1%) encontrado em periódicos do extrato B2, conforme apresenta o Quadro 3.

Quadro 3 - Quantidade de publicações em periódicos utilizando o método História de Vida - por extrato Qualis/CAPES

Qualis/CAPES	Quant. Publicações	% da Soma da Quant.
A2	19	21,6
B1	20	22,7
B2	30	34,1
B3	5	5,7
B4	14	15,9
Soma	88	100

Fonte: elaborado pelos autores

Com o objetivo de verificar as características do conjunto de trabalhos deste corpus foi analisada a frequência com que se encontrou os seguintes aspectos: a) designação ao método; b) categoria de estudo empreendido; c) designação da forma de coleta dos relatos; d) categoria de análise empregada no estudo; e) quantidade de sujeitos entrevistados. A compilação dessas informações está apresentada no Quadro 4. Também foi verificado o uso dos termos nas palavras-chave, com destaque para “história de vida”, encontrada em 20 (vinte) artigos, e “história oral”, em 8 (oito).

Quadro 4 - Características das publicações em revistas abordando o método História de Vida

(a) Método - designação	(b) Categoria de Estudo	(c) Entrevista designação	(d) Análise do Estudo	(e) Sujeitos
história oral (34)	estudo de caso (12)	entrevista (17)	análise de conteúdo (15)	um (19)
	qualitativo (10)	entrevista semiestruturada (17)	análise do discurso (7)	
história de vida (21)	ensaio teórico (6)	entrevista profundidade (9)	análise de narrativa (3)	cinco (7)
	histórico (3)	entrevista narrativa (2)	análise hermenêutica (3)	
história oral temática (7)	revisão de literatura (3)	entrevista aberta (1)	análises categorial, estrutural, proposicional do discurso, temática, categoria de análise, fenomenológica, materialismo dialético-histórico, perspectiva do construcionismo social, psicossociológica, estatística (1)	dois (6)
	bibliométrico (2)	entrevista estruturada (1)		
história de vida temática (2)	estudo de caso múltiplo (2)	entrevista não-estruturada (1)		quatro (6)
história oral e história de vida (2)	fenomenológico (2)	não foi informado (31)		
história de vida laboral (1)	observação participante (1)	estudo teórico (9)	informação não encontrada (39)	três (5)
relato oral subjetivo (1)	quantitativo (1)			

Obs. Os parênteses indicam a quantidade de artigos

Fonte: Elaborado pelos autores

Foram encontradas diversas designações para o emprego da história de vida, em que sete diferentes nomenclaturas informavam o método utilizado, os termos “história de vida” e “história oral” foram os principais utilizados e todos os trabalhos buscavam evidenciar a finalidade e a maneira como ocorreu a coleta dos relatos. Essas variações apresentavam, em alguns casos, relação com as especificidades do método, como, por exemplo, a designação “história oral temática” ou “história de vida laboral”. Entretanto, também foram encontrados trabalhos que utilizaram a história de vida apenas como técnica para obter os relatos, mas informavam haver utilizado o método história de vida, gerando, assim, ambiguidade metodológica. As diferentes nomenclaturas utilizadas e as diferentes apropriações do método podem causar, por vezes, dúvidas que dificultam a compreensão dessa abordagem, aos iniciantes no método.

Ao verificarmos as informações sobre a autoria dos trabalhos encontramos 21 (vinte e um) autores com mais de 2 (dois) trabalhos, totalizando 58 (cinquenta e oito) artigos, representando 65,9% do total de artigos publicados em revistas. Entretanto, ao observarmos os que tiveram mais de 3 (três) publicações, restringiram-se a 8 (oito) autores, totalizando 32 (trinta e dois) estudos, equivalente a mais de um terço dos artigos examinados, evidenciando-se, assim, nessa sucessão de trabalhos, a importância de suas contribuições para o campo, conforme apresentado no Quadro 5.

Quadro 5 - Autores que utilizaram o método História de Vida e com três ou mais publicações em revistas

Autor(a)	Quant. Publicações	Ano das Publicações
Alexandre de Pádua Carrieri	5	2008; 2012; 2015; 2018; 2020
Claudia Simone Antonello	5	2011; 2012; 2014; 2014; 2017
Elisa Yoshie Ichikawa	5	2010; 2013; 2017; 2019; 2020
Lisiane Quadrado Closs	4	2011; 2012; 2014; 2014
Luiz Alex Silva Saraiva	4	2008; 2013; 2014; 2015
Ana Paula Paes de Paula	3	2010; 2013; 2017
Fernanda Tarabal Lopes	3	2013; 2016; 2017
Rivanda Meira Teixeira	3	2011; 2014; 2017

Fonte: elaborado pelos autores

O último aspecto que verificamos foi a categoria de ocupação que os sujeitos pesquisados atuavam ou o tema a eles relacionados, sendo encontrados 47 (quarenta e sete) tipos diferentes, apresentados no Quadro 6. A opção em separar nestes dois grupos (ocupação e temas) teve por objetivo facilitar a visualização.

Quadro 6 - Categorias de ocupações ou temas abordados nos artigos

Ocupações	administrativa (25); empreendedor (12); carreiras <i>outsiders</i> (7); educação (6); agricultura (4); serviços (4); feirantes (3); artesãos (3); doméstica (2); indústria (2); policial (2)
Temas	políticas públicas (8); gênero, raça, religião, idade (3).

Obs. Os parênteses indicam a quantidade de artigos, sendo que não foram identificadas categorias em 7 trabalhos

Fonte: Elaborado pelos autores

Essas informações contrastam com os achados de Colomby *et al.* (2016), dado que, no período analisado pelos autores, havia maior incidência de sujeitos investigados atuando em ocupações de carreiras *outsiders*. Entretanto, atualmente, verifica-se um predomínio de sujeitos que atuam em atividades tradicionais, passando os *outsiders* a ocupar a terceira posição na preferência dos pesquisadores. O agrupamento em “carreiras *outsiders*” utilizou os conceitos empreendidos por Becker (2008), enquanto as “políticas públicas” tratam de temas relacionados, por exemplo, com programas sociais de governos, ribeirinhos, imigrantes, refugiados, entre outros.

Ao tratarmos dos temas abordados nos estudos, encontramos no trabalho realizado por Godoy (2018) uma lista exemplificativa das possibilidades de utilização do método, sendo destacadas sete temáticas, em geral, abordadas com o método história de vida em estudos empíricos, com mais exemplos para os temas empreendedorismo e processo de aprendizagem. Entretanto, respeitadas as diferenças desse estudo com o que realizamos, ao se analisar com maior amplitude as publicações, verificamos haver uma diversidade de temas e ocupações que já foram investigadas, além de atividades com diferentes complexidades e especialização, o que permite que se perceba a potencialidade e as possibilidades de uso do método, além daquelas que ainda podem ser exploradas.

Os benefícios ao se utilizar o método história de vida foram evidenciados em diversos trabalhos e estão relacionados, especialmente, à análise de temas que envolvem aspectos das experiências e trajetórias individuais dos agentes sociais, influenciadas pelo meio social em que vivem (Colling & Oltramari, 2019; Ferrazza & Antonello, 2017). Além disso, trabalhos que dediquem atenção às influências da família, de

uma instituição específica, da origem social do sujeito e de suas interações com outros sujeitos, de grupos ou instituições na formação da identidade, nas escolhas profissionais ou em outros segmentos da vida humana também podem empregar essa estratégia metodológica (Vogt & Bulgacov, 2019; Xavier *et al.*, 2012).

Ao finalizarmos a apresentação do levantamento realizado sobre as publicações nacionais na área de Administração que utilizaram o método história de vida, nos últimos 20 anos, entendemos que as informações disponíveis possibilitam identificar o panorama atual, com suas características, volume de produção, autores e temas, entre outros aspectos. Com vistas a complementar o desvelamento desse método, as seções seguintes foram dedicadas a discutir o uso da entrevista em história de vida e a sugerir caminhos possíveis a serem trilhados por pesquisadores que queiram conhecer as contribuições das “novas cores e sabores” no campo da Administração, as quais podem ser encontradas ao se utilizar o método história de vida (Godoy, 2018, p.171).

As peculiaridades do método

Conte-me sua história? A entrevista de história de vida

A entrevista é o principal instrumento utilizado para o recolhimento de uma história de vida sendo realizada, de maneira geral, através de entrevistas em profundidade; entretanto, essas entrevistas diferem do modelo clássico estruturado com perguntas e respostas diretas. Alguns direcionamentos são necessários em seu formato, visto que seu objetivo é obter relatos detalhados, no lugar de respostas breves ou genéricas (Riessman, 2008). Assim, ao invés de uma estrutura rígida parte-se de uma orientação geral ao entrevistado sobre os objetivos do estudo e as questões de pesquisa.

Ao analisarmos os aspectos das entrevistas nos artigos pesquisados verificamos existir nove tipos diferentes de designações, sendo que “entrevista” e “entrevista semiestruturada” foram as mais frequentes, ocorrência semelhante ao relatado por Colomby *et al.* (2016) e Avila *et al.* (2018). Também há trabalhos que utilizaram um roteiro de entrevista estruturado, contrastando com as sugestões de Riessman (2008) que recomenda a busca por um relato mais livre e detalhado.

Tais recomendações tornam as entrevistas mais extensas e, em geral, transcorridas em um clima de maior informalidade, quase uma conversa, permitindo que a narração seja realizada de diversas formas e que uma história leve a outra. Além disso, requererem que o investigador mude sua postura durante a entrevista, evitando atitudes que denotem superioridade, comum nas relações assimétricas que caracterizam as pesquisas científicas.

O maior tempo necessário para a realização das entrevistas deve ser um aspecto considerado pelo pesquisador ao planejar a utilização desse método, pois, caso o projeto de pesquisa não disponha desse tempo, poderá comprometer a qualidade ou mesmo a execução do trabalho. Dentre os artigos analisados, 6 (seis) apresentaram informações sobre o tempo das entrevistas (Bonilha & Sachuk, 2011; Figueiredo & Cavedon, 2012; Kopelke *et al.*, 2017; Luciana & Mafra, 2013; Pinto & Paula, 2013; Sayed *et al.*, 2017), sendo que as entrevistas desses estudos duraram, em média, 1h20, sendo a mais breve de 40 minutos e, a mais extensa, de 2h25.

A interação entre o sujeito entrevistado e o pesquisador deve ocorrer evitando-se uma posição de superioridade cultural do pesquisador, como defende Bourdieu (2008), com vistas a se reduzir a violência simbólica da relação pesquisador-pesquisado no momento da entrevista e minimizar a censura que pode atravessar essa vivência, por parte do entrevistado. Portelli (1997) considera que a busca por retirar as relações de poder da entrevista e por colocar ambos os sujeitos em condições de equivalência podem torná-la um experimento de igualdade. Para isso, o pesquisador deverá repensar os papéis estabelecidos no ambiente acadêmico e abdicar do pressuposto de superioridade, colocando-se em posição de igualdade no relacionamento com o sujeito entrevistado, atitude necessária ao engajamento com o método história

de vida (Ferrarotti, 2007). Essa postura está associada aos aspectos vinculados ao caráter ontológico e epistemológico dessa abordagem que afetam a forma de o pesquisador atuar e perceber a pesquisa acadêmica.

Ao utilizar essa abordagem e, em consequência, os relatos orais, o pesquisador deve estar consciente de que não existem verdades absolutas nesses relatos. Dessa forma, o mais importante é o sentido produzido pelo indivíduo; todavia, a relatividade do relato oral não reduz as significações que dele surgem e que estão repletas de revelações (Barros & Lopes, 2014).

A quantidade de pessoas a serem ouvidas também é um aspecto importante a ser considerado, sendo que, ao se utilizar o método história de vida, não há uma definição da quantidade de entrevistas a serem realizadas, pois o relato de uma única pessoa pode desvelar comportamentos, valores e ideologias que refletem aspectos relevantes da sociedade e dos grupos que esse sujeito integra (Queiroz, 1991). Essa consideração está em consonância com achados do presente levantamento que identificou 19 (dezenove) artigos (21,6% do total) com apenas um entrevistado. Constatamos, ainda, que 51 (cinquenta e um) artigos (58% do total) contemplaram entre 1 (um) e 5 (cinco) sujeitos de pesquisa. A grande variação de participantes encontrada no presente estudo, entre 1 (um) e 97 (noventa e sete), foi também constatada no estudo bibliométrico realizado por Colomby *et al.* (2016), que identificou desde trabalhos com apenas 1 (um) participante até pesquisas com 66 (sessenta e seis) informantes.

Queiroz (1991) entende que devem ser observados dois critérios para auxiliar na definição de quem serão os entrevistados: o científico interno — que trata da busca por sujeitos que tenham experiências que possam atender ao objetivo do estudo; e o externo — relacionado aos recursos financeiros e às condições materiais para a realização do trabalho. Assim, em decorrência do critério externo, verifica-se que o reduzido número de participantes é uma característica comum dos trabalhos envolvendo narrativas. No mesmo sentido, nos casos em que a pesquisa conta com mais de um entrevistado e tem como propósito realçar as convergências e divergências entre as trajetórias dos agentes sociais, Queiroz (1991) defende que as entrevistas devam ocorrer em número suficiente para se obter material que possibilite comparações. Demartini (2013), por seu turno, adverte que a preocupação do pesquisador não deve estar voltada para o quantitativo de sujeitos a serem entrevistados, mas para a busca por pessoas que tenham contribuições significativas para o objetivo do estudo.

A seleção dos informantes, em uma pesquisa de natureza qualitativa (Queiroz, 1991), não é feita aleatoriamente, mas parte de definições sobre as peculiaridades que relacionam as trajetórias das pessoas com o objetivo da pesquisa, estabelecendo, assim, as características principais que definirão quem deve ser entrevistado ou não. Duas orientações auxiliam nessa delimitação: a primeira, relacionada ao tema do estudo e, a segunda, à avaliação se o sujeito tem conhecimentos importantes e vivências sobre o tema objeto da pesquisa. A autora também destaca a importância dessa escolha e explica que a qualidade do informante, vis-à-vis o propósito da pesquisa, refletirá diretamente nos atributos do material obtido nas entrevistas, consoante ao que se desvelará na pesquisa.

Sobre as histórias recolhidas: possibilidades analíticas

É ponto fundamental a compreensão de que ao se pesquisar a partir de histórias de vidas, não há um *modus operandi* pré-concebido, nem uma prescrição de como recolher e/ou analisar histórias. Afinal, o que se busca, a partir desse caminho de pesquisa não é a formulação de leis, mas a compreensão de determinadas situações e fenômenos inseridos no movimento das relações sociais. Assim, é na especificidade de cada história que se encontra o caminho do recolher e da reflexão possível. Pois, do contrário, corre-se o risco de recolher a história que deseja o pesquisador, e não aquela construída a partir da dinâmica do entrevistado (Barros & Lopes, 2014). Nesse sentido, o que apresentamos nessa seção são possibilidades analíticas e de organização do material biográfico que devem ser sempre ponderadas e construídas a partir das singularidades do processo do encontro do pesquisador com seu(s) entrevistado(s).

Ao abordarmos aspectos sobre as análises das narrativas é necessário estar consciente de que, apesar de existirem diretrizes e orientações sugeridas por autores como Atkinson (2001), Demartini (2013) e Queiroz (1991), não há um único percurso a ser seguido. Conforme alertam os referidos autores, não há procedimentos estritos e inflexíveis, mas indicações ajustáveis às demandas e disponibilidades do estudo em desenvolvimento. É nesse sentido que esta seção se propõe a apresentar proposições que consideramos relevantes ao se pensar na análise de estudos biográficos, as quais estão lastreadas no referencial teórico e/ou em nossas experiências práticas com o método, buscando apresentar sugestões aos pesquisadores que já utilizam o método história de vida ou que estão iniciando sua caminhada nesse campo.

A análise das narrativas pode assumir distintas formas, visto que são várias as disciplinas que empregam o método, contemplando, assim, diversas teorias e epistemologias (Demartini, 2013; Riesman, 2008). Ao confrontar vários estudos, Riesman (2008) considerou destacarem-se três modalidades de análise: temática, estrutural e dialógica (performance analysis), conforme apresentado no Quadro 7. Em conjunto e complementando a perspectiva de investigação desses três tipos, a autora sugere que também pode ser utilizada a análise visual de imagens obtidas nos estudos (fotografias, pintura, diário de vídeo etc.), bem como outros procedimentos tais como a observação e a pesquisa bibliográfica, que podem complementar as informações obtidas nas entrevistas.

Quadro 7 - Modelos de análise de narrativas

Modelo	Ponto Central	Procura no texto
Temático	Conteúdo	O que é dito?
Estrutural	Na estrutura / forma da narrativa	Como é dito?
Dialógico <i>(performance analysis)</i>	Contexto A experiência O evento dialógico	Para quem? Quando? Qual intenção ou por quê?

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Riesman (2008)

A análise temática é considerada por Riesman (2008) como a utilizada com mais frequência, além de ser mais direta, simples e agradável. Nos trabalhos publicados nos periódicos analisados encontramos 53 (cinquenta e três) artigos que apresentavam informações sobre o procedimento analítico, sendo que 18 (dezoito) diferentes formas foram utilizadas para analisar os relatos. A mais frequentes foi a análise de conteúdo (16), seguida pela análise do discurso (7). Entretanto, em 23 (vinte e três) trabalhos, não foi identificada a forma como os relatos foram analisados, seja na seção que apresentava a metodologia, seja no corpo do texto, sendo encontrado, em alguns trabalhos, apenas a descrição de que “a análise dos relatos / das histórias revelou [...]”, sem especificar, contudo, o caminho metodológico percorrido.

Assim, verificamos que a análise de conteúdo — e suas variações — permanece na preferência dos pesquisadores conforme constatado em estudos anteriores que também relataram que essa era a estratégia mais utilizada, seguida da análise do discurso (Avila *et al.*, 2018; Colomby *et al.*, 2016). O maior uso da análise de conteúdo ou da análise do discurso das narrativas, encontrado no presente estudo, deve ser verificado com atenção, pois pode representar o emprego de estratégias analíticas mais utilizadas em outras estratégias de pesquisas qualitativas utilizadas nas Ciências Sociais, mas que, por vezes, podem não estar alinhadas aos objetivos dos estudos ou às abordagens narrativas.

Nesta direção, Michelat (1975) adverte que a análise de conteúdo, proposta por Berelson (1984), considerado um dos primeiros a sintetizá-la, é uma metodologia imbuída de objetivismo e de pressupostos positivistas, por isso não seria a mais recomendada para examinar um conteúdo obtido em uma entrevista não diretiva, como é o caso da história de vida. Do mesmo modo, Riesman (2008) defende que existe grande distinção entre a análise temática e outros modelos de análise de conteúdo, como, por exemplo, a desenvolvida por Bardin (2011). A diferença é que a análise temática se baseia em relatos amplos que são mantidos e analisados enquanto unidades, semelhante ao proposto na grounded

theory (Charmaz, 2008; Strauss & Corbin, 1990), ao invés de utilizá-los em fragmentos de categorias temáticas como ocorre na análise de conteúdo tradicional. Outro aspecto é que na análise de conteúdo, em geral, o contexto dos relatos é desconsiderado, dado que o foco é identificar o que é comum ao conjunto dos dados, tendo por base a contagem de frequência (Godoy, 2020).

A análise das narrativas pode ser realizada de diversas formas, contudo, no presente estudo, propomos aos pesquisadores que estão iniciando o uso desse método a avaliarem a possibilidade de adoção da análise temática como um dos caminhos exequíveis, em especial por ela não estar vinculada a uma base teórica específica (Godoy, 2020).

Para dar início à análise das histórias recolhidas sugerimos a realização desse procedimento em quatro distintas fases (Figura 1), ressaltando, entretanto, que essas etapas são flexíveis e podem ocorrer combinadamente. Na primeira fase, tendo por base as sugestões propostas por Atkinson (2001) para a análise das histórias de vida, considera-se fundamental ter, inicialmente, boa organização e delinear as ações a serem realizadas após o recolhimento das narrativas, quando o pesquisador realizará dois procedimentos: a transcrição e a interpretação. Para fins de planejamento, Atkinson (1998) considera, a depender da experiência e das habilidades do pesquisador, que uma hora de gravação poderá necessitar de três a seis horas de transcrição.



Figura 1: Fases dos procedimentos para análise das narrativas – pós-entrevista

Fonte: elaborado pelos autores com base em Queiroz (1991) e Atkinson (1998, 2001)

Trata-se de um bom parâmetro para fins de planejamento, pois, ao utilizar o método em um projeto de pesquisa, o primeiro autor desse artigo necessitou, em média, de cinco horas e meia para cada hora de entrevista gravada, tempo utilizado para transcrição, ajustes do texto, anotações iniciais e primeiras análises sobre o conteúdo das entrevistas.

O segundo momento do processo de análise inicia-se ao se trabalhar com as gravações, consideradas documentos primários do projeto e que podem se assemelhar a uma complexa massa de relatos que será transcrita em informações com significações e, assim, em um documento considerado secundário. Será por meio desse texto que o pesquisador utilizará as informações obtidas para apresentar as experiências vividas pelo sujeito e, dessa forma, alcançar os objetivos do estudo (Atkinson, 1998). Após se obter um primeiro rascunho, o autor sugere uma segunda escuta das gravações para verificar eventuais erros e buscar, principalmente, os significados originais das narrativas.

O próximo passo da análise será repassar a transcrição ao entrevistado para que este a examine e, caso deseje, revise e informe se concorda ou se deseja alterar alguma parte do texto das narrativas de sua história de vida. Caso o entrevistado não deseje modificar o conteúdo, esse será o texto a ser utilizado no processo analítico interpretativo, mas, caso alterações sejam realizadas, o texto revisado torna-se o documento principal e, a gravação, o secundário (Atkinson, 2001). Ressaltamos que o conjunto das entrevistas realizadas com um indivíduo é reunido em apenas um texto e, para facilitar o trabalho, sugerimos que o mesmo deva ocorrer com as gravações e vídeos que se tornam uma peça única.

A terceira fase dos procedimentos de análise das narrativas inicia-se após a transcrição, as leituras e o retorno do texto encaminhado ao sujeito entrevistado, quando se passa, então, a realizar a decomposição do texto em partes temáticas, as quais devem manter conexão entre si para identificar os temas existentes e atender aos objetivos da pesquisa (Queiroz, 1991).

Ao fragmentar a narrativa deve-se verificar, conforme destaca Queiroz (1991, p. 104), que antes mesmo de adentrar ao tema, três tipos de considerações acerca dos relatos devem ser apontados: se se trata de “acontecimentos”, ou seja, mero relato do passado, ou se são “julgamentos” que, carregados de reflexões, manifestam uma opinião. O terceiro tipo seria a mescla dessas duas formas, em que seriam observados o testemunho e a avaliação em conjunto; após esse entendimento é que se poderia partir, então, para se distinguir o tema principal a que se refere o relato. A fase de leitura e tematização das histórias pode ser desenvolvida, conforme sugere Queiroz (1991), em três momentos apresentados na Figura 2.

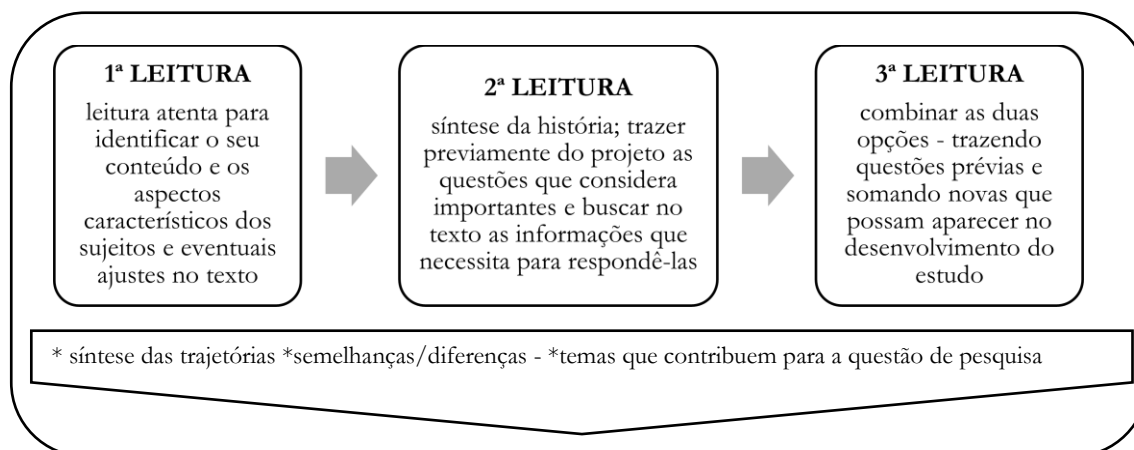


Figura 2. Procedimentos para a leitura do texto obtido com os relatos

Fonte: elaborado pelos autores com base em Queiroz (1991)

As diversas leituras a serem realizadas terão objetivos distintos, mas, no conjunto, possibilitam ao pesquisador entrar nas profundezas dos relatos, sendo que novas leituras podem ser necessárias para alcançar os objetivos norteados pelas questões de pesquisa. São requeridas releituras exaustivas de todo o material até se obter o que é considerado como uma espécie de impregnação que conduz ao surgimento gradual de interpretações que possibilitam relacionar elementos de diversos tipos, devendo avançar para além da literalidade das frases (Michelat, 1975). A partir desse momento, o pesquisador relacionará os temas, a ordem e a frequência com que são encontrados no texto, com os aspectos característicos dos sujeitos entrevistados (idade, origem social, composição família, estado civil, entre outras). Esse procedimento identificará, semelhante ao que ocorre em outras pesquisas qualitativas, traços narrativos para comparar o resultado da análise com os aspectos característicos do indivíduo (Queiroz, 1991).

Ressaltamos que esses procedimentos são realizados para cada sujeito entrevistado, visto que por enquanto estamos analisando somente a história individual. Ao finalizar essas três leituras do texto das entrevistas, o pesquisador poderá avançar na definição das temáticas, ou seja, estabelecer os nomes dos conjuntos, que são, em geral, designados como temáticas, grandes temas, “balaios”, enfim, são diversas as nomenclaturas utilizadas, escolha aquela que considerar mais adequada.

Sobre o processo de análise das histórias de vida no campo das Ciências Humanas e Sociais, Atkinson (1998) considera existirem interpretações de dois tipos: uma fundamentada na base teórica escolhida para o estudo e outra que emerge da estrutura da própria história. Em qualquer estudo qualitativo e, especialmente, na história de vida, entende-se que os pressupostos teóricos devem permanecer “em suspensão” até depois da realização das entrevistas, pois é o material produzido a partir daí que permitirá a identificação dos elementos teóricos que emergem da história.

Com isso, verifica-se que os conceitos e as teorias fornecerão o suporte das análises e devem dialogar com as narrativas, sendo que os objetivos e pressupostos do estudo influenciarão as escolhas do pesquisador no desenvolvimento do trabalho, nos procedimentos e nas maneiras de recolher as histórias e analisá-las. Bertaux (1999) pondera que tudo dependerá da forma como as histórias são recolhidas, dos propósitos do estudo e das respostas procuradas, além das ferramentas intelectuais disponíveis, devendo as interpretações concentrarem-se sobre as relações sociais e nas interações dos sujeitos em suas vivências

narradas (Barros & Lopes, 2014). Nesse sentido, Bertaux (1999, p. 12) considera que “trabalhar com história de vida não é esvaziar a crônica dos acontecimentos vividos, mas dar sentido ao passado e, portanto, ao momento presente”. Esse deve ser o propósito de um projeto que utilize tal abordagem.

Considerações finais

O presente estudo foi guiado por dois propósitos centrais: a) mapear o panorama das publicações científicas do método história de vida no campo da Administração, desvelando as principais características, e b) apresentar as peculiaridades da metodologia no que diz respeito mais especificamente à questão da entrevista de história de vida e às possibilidades analíticas e de organização do material biográfico. Nosso intuito, a partir dessas reflexões, é apresentar possibilidades de caminhos a serem trilhados na pesquisa com a referida abordagem.

No que se refere aos resultados do estudo, acreditamos que o mapeamento bibliográfico trouxe informações recentes sobre a evolução das pesquisas que utilizaram o método história de vida, na área de Administração, atualizando achados de estudos anteriores. Além disso, foram apontadas alterações nos panoramas até então apresentados, o que contribui para um maior conhecimento acerca das formas de utilização do método, dos temas e sujeitos pesquisados (Closs & Antonello, 2012; Godoy, 2018; Pinto *et al.*, 2015). Neste sentido, observamos a ampliação das ocupações dos sujeitos pesquisados, com ocupações consideradas tradicionais sendo mais investigadas com uso desse método, contrastando com o estudo de Colomby *et al.* (2016), que, na época, evidenciou existirem mais estudos com sujeitos e grupos considerados minoritários ou atuantes em carreiras *outsiders*.

A opção dos autores em examinar a base de dados SPELL e os anais dos encontros organizados pela ANPAD foram motivadas pelo entendimento de que tais fontes são relevantes, abrangentes e capazes de revelar o panorama da produção acadêmica nacional, no campo da Administração, sobre o método. Contudo, tal escolha representa uma limitação do presente estudo, que pode ser contornada com pesquisas futuras envolvendo outras bases de dados. Adicionalmente, ressaltamos que a busca em bases internacionais também deve ser endereçada, em trabalhos futuros, não só para ampliar os achados deste estudo, mas para permitir comparações entre as produções que utilizam o método nas literaturas nacional e internacional, de modo a possibilitar uma melhor compreensão do uso desse método no campo da Administração.

O exame geral das publicações nos encontros e nos periódicos revelou uma tendência de crescimento dos estudos no período analisado, bem como a diversidade de designações dos métodos biográficos, que se relacionam com algumas especificidades dos estudos, além da variedade de categorias dos trabalhos que os empregam ou mesmo as distintas formas de análise. Também constatamos que a maior parte dos estudos contemplou entrevistas com apenas um sujeito, sendo que uma quantidade expressiva de pesquisas recolheu as histórias de vida de até cinco pessoas, o que evidencia a característica marcante do método de envolver poucos sujeitos e aprofundar o conhecimento das histórias colhidas.

Acreditamos, todavia, que a principal contribuição deste estudo sobrevém do propósito de apresentar elementos que podem auxiliar na melhor compreensão das abordagens biográficas, fornecendo subsídios aos pesquisadores do campo da Administração para avaliarem a adequação de seu projeto a esse método, bem como a fazerem uso do mesmo, quando o julgarem apropriado. Nesse sentido, destacamos as características da entrevista, principal instrumento utilizado para o recolhimento dos relatos e que necessita de atenção especial do pesquisador, pois não se trata apenas de uma ferramenta de “coleta de dados”, como ocorre em outras abordagens, mas trata-se de uma parte essencial do emprego do método, pois a forma como são constituídas as interações pesquisador-pesquisado, a estrutura para sua realização, a relação de confiança, a disponibilidade de tempo para falar e escutar são fatores que influenciarão, sobremaneira, os resultados e a qualidade do estudo e, desconsiderá-los, pode comprometer as bases que alicerçam essa metodologia.

É nesse sentido que sugerimos que as entrevistas não sejam estruturadas e devam conter, apenas, uma estrutura mínima que permita ao sujeito realizar relatos livres e detalhados sobre sua vida. A atenção ao contexto da entrevista requer uma mudança de postura do pesquisador, podendo ocorrer possíveis estranhamentos face à essa abordagem que exigem momentos de reflexão sobre sua atuação e as escolhas que realiza na pesquisa acadêmica (Bourdieu, 2008). Tal estranhamento implicará, também, em deixar de lado uma pretensa superioridade frente ao entrevistado, atitude comum nas pesquisas acadêmicas nas quais o pesquisador se posiciona como alguém que pode “dar ou retirar a voz” de quem fala, perguntar (diretamente) e direcionar falas e respostas. O uso do método implica, também, em reconhecer que a história narrada pertence ao agente social que a contou e que o ato de a contar e a escrever como texto não dá ao pesquisador sua posse, tampouco dá o direito de transformar ou de interpretar a história com base apenas em seu “olhar”, sem a participação daquele que a relatou a história; muda-se a postura do pesquisador com esse reconhecimento e com a realização de análises que devem ser construídas em conjunto - entrevistado e pesquisador -, lembrando-se sempre que se trata da história de vida dele.

Ademais, o uso dessa abordagem também exige cuidados nos procedimentos para as análises das entrevistas, visto que é necessário compreender os aspectos epistemológicos do método história de vida. Com isso, não se deve apenas empregar outros métodos utilizados em pesquisas qualitativas sem antes verificar sua adequação e foi, com esse intuito, que sugerimos neste estudo o recurso à análise temática, com procedimentos de leitura e tematização das histórias, em detrimento, por exemplo, da análise de conteúdo, pelo entendimento que essa análise não se alinharia às abordagens narrativas (Michelat, 1975; Riesman, 2008).

Assim, frente ao panorama atual dos estudos que utilizam o referido método, entendemos serem necessárias reflexões por parte dos pesquisadores, sobretudo pelos novíços nessa abordagem, acerca dos caminhos a serem percorridos ao se utilizar o método. O mapeamento bibliográfico realizado indicou tanto o crescimento do uso desse método na área da Administração, quanto a imprecisão no que tange a alguns aspectos referentes a sua operacionalização, o que reforçou nossa intenção em contribuir para o aprimoramento da sua utilização, na área. Nesse sentido, as sugestões de procedimentos para a operacionalização das etapas dos estudos empregando o método história de vida, apresentadas no presente artigo, tiveram a intenção de contribuir para o aperfeiçoamento do entendimento e da operacionalização dessa abordagem, com vistas a assegurar o necessário rigor metodológico das pesquisas qualitativas no campo da Administração.

Notas

1 A história oral surge com o método de história de vida na Escola de Sociologia de Chicago nos anos 1920 (Alberti, 2006), mas tem seu início formal em 1948, com o lançamento do *The Oral History Project*, pelo historiador Allan Nevins, da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, nos Estados Unidos (Freitas, 2002). A ciência histórica priorizava reunir e examinar como fontes os documentos oficiais escritos, sendo que a inserção da história oral neste campo faz com que os relatos também passem a ser considerados (Costa *et al.*, 2010). Dessa forma, o emprego da história oral está, em geral, relacionado aos estudos vinculados ao campo da história.

Referências

- Alberti, V. (2006). Fontes orais: histórias dentro da história. In *Fontes Históricas* (pp. 155–203). Contexto.
- Atkinson, R. (1998). Interpreting the interview. In *The Life Story Interview* (pp. 54–74). SAGE Publications.
- Atkinson, R. (2001). The life story interview. In *Handbook of Interview Research: context & methods* (pp. 120–140). SAGE Publications Inc.

- Avila, L. K. M., Kai, F. O., Lourenço, M. L., & Fernandes, C. (2018). História de vida nos estudos organizacionais: uma revisão sistemática brasileira. In: Encontro Da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Em Administração (EnANPAD), Outubro.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barros, V. A. de, & Lopes, F. T. (2014). Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In *Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual* (pp. 41–63). EDUFES.
- Becker, H. S. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio* (2nd ed.). Zahar.
- Berelson, B. (1984). *Content analysis in communication research*. Hafner.
- Bertaux-Wiame, I. (1980). Une application de l'approche autobiographique. Les migrants provinciaux dans le Paris des années vingt. *Ethnologie Française*, X–2, 201–205.
- Bertaux, D. (1981). *Biography and society. The life history approach in the social sciences*. SAGE Publications.
- Bertaux, D. (1999). El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. *Proposiciones*, 29(4), 1–23.
- Bonilha, M. C., & Sachuk, M. I. (2011). Identidade e tecnologia social: um estudo junto às artesãs da Vila Rural Esperança. *Cadernos EBAPE.BR*, 9(2), 412–437.
- Bourdieu, P. (2008). *A miséria do mundo* (7th ed.). Editora Vozes.
- Carvalho, J. C. B. de, & Costa, L. F. (2016). História de vida: aspectos teóricos da Psicossociologia clínica. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 23(2), 24–31.
- Charmaz, K. (2008). Reconstructing grounded theory. In *Handbook of social research methods* (pp. 461–478). SAGE Publications.
- Closs, L. Q., & Antonello, C. S. (2012). História de vida: suas possibilidades para a investigação de processos de aprendizagem gerencial. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 10(1), 105–137.
- Colling, T., & Oltramari, A. P. (2019). História de Vida e Teoria Interseccional. *Revista ADM.MADE*, 23(2), 39–59.
- Colomby, R. K., da Luz Peres, A. G., Lopes, F. T., & da Costa, S. G. (2016). A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. *Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), 852–887.
- Costa, C. de L. (1999). The (mis)uses of life histories. The linguistic turn, life histories and (women's) life stories. *Horizontes Antropológicos*, 5(12), 133–151.
- Costa, A. de S. M. da, Barros, D. F., & Martins, P. E. M. (2010). Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *Revista de Administração de Empresas*, 50(3), 288–299.
- Delory-Momberger, C. (2012). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educacao*, 17(51), 523–740.
- Demartini, Z. de B. F. (2013). Algumas anotações sobre história de vida e a prática de pesquisa em educação. *Revista Pedagógica*, 15(31), 229–247.
- Denzin, N. K. (2001). *Interpretive interactionism* (2nd ed.). SAGE Publications Ltd.
- Durkhiem, É. (2007). *As Regras do Método Sociológico*. Martins Fontes.
- Fernandes, M. E. História de vida: dos desafios de sua utilização. *Revista Hospitalidade*, v. 7, n. 1, p. 15–31, 2010.

- Ferrarotti, F. (2007). Las historias de vida como método. *Convergência Revista de Ciências Sociais*, 44(mayo-agosto), 15–40.
- Ferrazza, D. S., & Antonello, C. S. (2017). O Método de História de Vida: Contribuições para a Compreensão de Processos de Aprendizagem nas Organizações. *Revista Gestão Organizacional*, 15(1), 443–456.
- Ferreira, M. de M., Abreu, A. A. de, Farias, I. C. de, Dias, J. L. de M., D'Araújo, M. C., Motta, M. S. da, & Alberti, V. (1998). Entre-vistas: abordagens e usos da história oral. In Editora FGV. Editora FGV.
- Figueiredo, M. D. de, & Cavedon, N. R. (2012). Com açúcar, com afeto? A profissionalização do fazer amador de doces artesanais de Pelotas. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 1(3), 79–99.
- Freitas, S. M. (2002). História oral: possibilidades e procedimentos. *Humanitas / FFLCH / USP*.
- Godoy, A. S. (2018). Reflexão a respeito das contribuições e dos limites da história de vida na pesquisa em Administração. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 19(1), 161–175.
- Godoy, A. S., Brunstein, J., Brit, E. P. Z., & Arruda Filho, E. J. M. (2020). Análise de dados qualitativos em pesquisa: múltiplos usos em Administração. Editora FGV.
- Joutard, P. (1996). História oral: balço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In E. FGV (Ed.), *Usos e Abusos da História Oral* (pp. 43–62). Pollak.
- Kohli, M. (1981). *Biography: account, text, method*. In *Biography and society. The life history approach in the social sciences*. SAGE Publications.
- Kopelke, A. L., Aires, N., & Boeira, S. L. (2017). Guerreiro Ramos: trajetória e interlocutores. *Revista Pensamento Contemporâneo Em Administração*, 11(2), 1–17.
- Luciana, F., & Mafra, N. (2013). Relações de gênero e poder: um estudo com professoras-gerentes em uma universidade pública. *Revista Administração Em Diálogo*, 14(3), 110–136.
- Mauss, M. (2003). *Sociologia e antropologia*. Cosac & Naify.
- Michelat, G. (1975). Sur l'utilisation de l'entretien non-directif en sociologie. *Revue Française de Sociologie*, 16(2), 229–247.
- Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo* (3rd ed.). Sulinas.
- Paiva Júnior, F. G. de, Leão, A. L. M. de S., & Mello, S. C. B. de. (2011). Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. *Revista de Ciências Da Administração*, 13(31), 190–209.
- Peticca-Harris, A., & McKenna, S. (2013). Identity struggle, professional development and career: a career/life history of a human resource management professional. *Journal of Management Development*, 32(8), 823–835.
- Pineau, G. (2006). As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, 32(2), 329–343.
- Pinto, B. de O. S., Carreiro, T. C. O. C., & Rodriguez, L. da S. (2015). Trabalhando no “entre”: a história de vida laboral como método de pesquisa em psicossociologia. *Farol. Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v(5), 976–1022.
- Pinto, R. de A. B., & Paula, A. P. P. de. (2013). Do assédio moral à violência interpessoal: relatos sobre uma empresa júnior. *Cadernos EBAPE.BR*, 11(3), 340–355.
- Portelli, A. (1997). O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, 14(fev), 25–39.
- Queiroz, M. I. P. de. (1991). Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. In T. A. Queiroz (Ed.), *T.A. Queiroz. T. A. Queiroz*.
- Ricouer, P. (1983). *Temps et récit* (1) (Seuil (ed.); Tomo 1). Seuil.

- Ricouer, P. (1984). *Temps et récit (2) (Tome 2)*. Seuil.
- Ricouer, P. (1985). *Temps et récit (3) (Tomo 3)*. Seuil.
- Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human science*. SAGE Publications.
- Sacramento, A. A. do, Figueiredo, P. F. M., & Teixeira, R. M. (2017). Método da História Oral nas Pesquisas Nacionais no Período de 2000 a 2015. *Revista de Ciências Da Administração*, 19(49), 57–73.
- Sayed, S., Duarte, S. L., & Kussaba, C. T. (2017). A Lei das sociedades anônimas e o processo de convergência para os padrões internacionais contados pela história oral e de vida. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, 7(1), 252–270.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. SAGE Publications.
- Vogt, S., & Bulgacov, Y. L. M. (2019). História de Vida de Empreendedores: Estratégia e Método de Pesquisa para Estudar a Aprendizagem Empreendedora. In *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Vol. 8, Issue 3)*.
- Xavier, W. S., Barros, A., Cruz, R. C., & Carrieri, A. de P. (2012). O imaginário dos mascates e caixeiros-viajantes de Minas Gerais na formação do lugar, do não lugar e do entrelugar. *Revista de Administração*, 47(1), 38–50.